

SONHAR E FÁCIL / 1951

um filme de Perdigão Queiroga

Realização, Planificação, Montagem: Perdigão Queiroga / **Assistente de Realização:** Baptista Rosa / **Argumento, Sequência, Diálogos:** Rogério de Freitas, Leão Penedo, Perdigão Queiroga / **Fotografia** (35mm, preto e branco): Mário Moreira / **Decoração:** Mário Costa / **Caracterização:** José Maria Sanchez / **Som:** Enrique Dominguez / **Música:** Jaime Mendes / **Fotógrafo de Cena:** João Martins / **Interpretação:** António Silva (Silva), Laura Alves (Rosinha), Manuel Santos Carvalho (Guimarães), Emílio Correia (Tomé), Eugênio Salvador (Piriquito), Maria Emília Vilas (Matilde), Maria Olguim (Adelaide), Vasco Morgado (João), Augusto Fraga (Dr. Aires), Artur Agostinho (Dr. Sequeira).

Produção, Distribuição: Lisboa Filme / **Chefe de Produção:** António Maduro / **Estúdios, Laboratórios:** Lisboa Filme / **Duração:** 94 minutos / **Estreia:** São Jorge, a 22 de Fevereiro de 1951.

Perdigão Queiroga foi, em todos os seus defeitos e qualidades, um caso singular no panorama do cinema português. Vejamos as surpresas (e são muitas) que nos reserva este argumento de Rogério de Freitas, Leão Penedo e Perdigão Queiroga. Há, em primeiro lugar, a ideia de pegar na formação duma cooperativa para enfrentar o monopólio do único comerciante da vila. O tema, mesmo algo desvirtuado (a facilidade com que ela é formada, com a discussão reduzida a uma ou outra rábula, a um ou outro trocadilho: “se é para comprar é uma ‘comprativa!’”) foi, mesmo assim, suficiente para provocar alguns pruridos chegando o filme a ser apontado como puxando “ao socialista” o que é um manifesto exagero perante tal exemplo de cooperativa. De qualquer modo, um olhar de que está ausente o lado folclorista, que foi pecha de quase todo o nosso cinema rural, era o bastante para provocar essa surpresa. Há um outro aspecto no argumento, paralelo a esta visão, que possivelmente contribuiu para esbater o tal carácter “socializante” que causou engulhos. **Sonhar é Fácil**, para além de se referir ingenuamente à solidariedade entre as pessoas (mas Capra também o fazia e de modo ainda mais lacrimante e, na ideia, nada distingue a sequência de solidariedade final de **Sonhar é Fácil** de outra idêntica em **It’s a Wonderful Life/Do Céu Caiu uma Estrela**) tem como linha mestra o regresso ao campo. É preciso ter isto em conta porque estamos num período em que se incrementa o êxodo contrário, do campo para a cidade, fruto do crescimento industrial, com toda uma série de problemas sociais e o aumento dos bairros de lata.

Se esta visão mais social é a primeira surpresa outras esperam o espectador, que são a fluência narrativa e alguns achados que representam um conhecimento mais do que superficial do que nos Estados Unidos se fazia, e como se fazia. É a rapidez da execução que surpreende se temos em conta os resultados. Convém lembrar que com um orçamento limitado (à boa maneira de uma série B americana) foi realizado e estreado em pouco mais de dois meses (quem hoje se pode gabar de ter pronto um filme nesse espaço de tempo?). Mas eu estava a falar da fluência narrativa que demonstra o seu saber contar uma história. Eis-nos logo perante uma abertura feita com simplicidade e eficácia: num único movimento de câmara Queiroga dá-nos de imediato o retrato do prédio onde vive o senhor Silva. A câmara vai de janela em janela surpreendendo cada um dos moradores numa sequência que lembra

a abertura do **American in Paris** de Minnelli. O nosso contacto com o senhor Silva e a sua família é feito logo sob o signo desse “regresso ao campo” de que falei. Perante um terreno vago em frente, ele não resiste a exprimir o seu desejo de possuir uma terra. O seu desejo é satisfeito por um daqueles acasos miraculosos herdados do cinema americano: uma tia morre e deixa-lhe uma quinta e 1.200 contos que acabam nas algibeiras vorazes do advogado. Para o senhor Silva, isso é o menos pois pode realizar o seu sonho de poder cultivar a sua terra. Antes de abalarmos para lá, na companhia da família Silva, gostaria de chamar a atenção para um pormenor deveras curioso. Trata-se de um plano que se segue ao anúncio da herança e que enquadra o aparelho de rádio em cima duma mesa: junto ao aparelho está uma revista cujo nome é bem visível, a “Imagem”. Se chamo a atenção para isto é porque este tipo de homenagens (de realizadores a revistas de cinema) só mais tarde se torna um modo de citação (a geração dos “Cahiers du Cinéma” para com a sua revista), sendo até então pouco mais do que uma referência temporal. E visto que estamos a falar de cinema, passemos de imediato para o interior da casa em ruínas que é afinal a moradia que coube em sorte à família Silva, onde assistimos a uns movimentos bonitos (o *travelling* para a frente que acompanha o desânimo de António Silva), as primeiras derrocadas, e a sucessão de imagens que dão a ver a casa transformada que se apagam com a queda parcial do tecto. E há alguns achados como o “gag” da estatueta que Silva muda da mesa para o armário.

Deixo ao cinéfilo o prazer de descobrir o resto deste filme que tem muitas coisas curiosas, demasiadas mesmo. Quando falámos da **Menina da Rádio** de Arthur Duarte salientámos que tinha demasiadas coisas curiosas para ser um acaso. No que se refere a **Sonhar é Fácil** é evidente que não aparecem por acaso. É resultado daquela experiência e de saber ver o cinema dos outros. Talvez Perdigão Queiroga tenha sido o nosso primeiro realizador “cinéfilo”.

Mas tenho de destacar mais algumas sequências porque elas vêm apoiar a minha última afirmação: o “gag” de Salvador entornando o feijão que segue um movimento estudado com os movimentos encadeando-se um após outro; a sequência da única nota de cem escudos que salva a cooperativa na visita dos credores e que nos remete de imediato para dois filmes: o já citado **It’s a Wonderful Life** que parece ser o filme de referência obrigatória de **Sonhar é Fácil**, na medida em que volta a ser citado na sequência final no movimento de solidariedade em torno da família Silva que perdera todos os seus haveres no incêndio da sua casa. O outro filme que a sequência da nota recorda é **Inside Story** de Alan Dwan, que descrevia, de forma mais complexa evidentemente, como o mesmo dinheiro sempre em circulação acabava por resolver uma série de situações dramáticas. É claro que em **Sonhar é Fácil** o que nos aparece é apenas o lado anedótico. E temos, logo a seguir, o momento mais surpreendente do filme. Trata-se do baile para celebrar, a salvação da cooperativa. Tomem nota porque é uma das mais bonitas do nosso cinema, onde se sente a influência de mestre John Ford. Ninguém como o glorioso irlandês era capaz de dirigir um baile popular com música popular. Lembrem-se de uma das mais belas sequências da história do cinema, a do baile de **My Darling Clementine** ou o assombroso baile dos sargentos em **Fort Apache** e digam-me se a sua sombra não paira sobre aqueles planos dos pés que batem no chão e na forma como os pares giram enlaçados neste **Sonhar é Fácil** de Perdigão Queiroga.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico